

## A IMPORTÂNCIA DA CULTURA E DA IDENTIDADE EM SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

### THE IMPORTANCE OF CULTURE AND IDENTITY IN FOREIGN LANGUAGE CLASSROOM

Heloisa Scalise Taques Fonseca\*

**RESUMO:** Este artigo propõe-se a refletir sobre questões relativas à cultura e identidade, no período de globalização, visando despertar o professor de língua estrangeira para a importância da consciência cultural, para se fazer entender e para entender o “outro”. A fim de se evitar a criação de estereótipos e preconceitos, a aprendizagem não deve ser somente focada no desenvolvimento da competência comunicativa. É preciso considerar o debate intercultural, inclusive familiarizando os alunos com sua própria cultura, pois só assimila a cultura do outro quem conhece a sua própria. Uma língua é reflexo dos valores culturais da sociedade na qual ela está inserida. Portanto, a competência linguística não é o bastante para assegurar a plena comunicação, devendo-se considerar as relações interculturais. Assim, ao se aprender uma língua estrangeira, não se está somente desenvolvendo a competência comunicativa, mas também, transformando-se a si próprio, no contato com novo contexto cultural. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica a respeito dos temas e as reflexões propostas pretendem favorecer uma melhor compreensão do homem pós-moderno e contribuir para o desenvolvimento de uma visão crítica e transformadora do mundo, bem como para o aperfeiçoamento do trabalho em sala de aula e consequentemente do processo de ensino- aprendizagem de línguas.

**PALAVRAS- CHAVE:** Cultura. Identidade. Interculturalidade.

**ABSTRACT:** The scope of the article is a reflection about culture and identity in this period of globalization, with the purpose to focus the attention of the foreign language teacher on the importance of the cultural conscience, seeking for being understood and understand the “other”. In order to avoid the creation of stereotypes and prejudgments, the learning should not only be focused in the development of the communication skills. It is necessary to consider the intellectual debate, including the fact that the students have to be familiar first with their own culture, thus to enable the assimilation of the culture of the “other”. A language represents the cultural values of the society in which it is inserted. Thus, the language skill is not sufficient to assure a

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e subjetividade da UEPG; especialista em Ensino e Aprendizagem de línguas. UEPG. Email: heloscalise@yahoo.com.br

complete communication, requiring also taking into consideration the intercultural relationships. Consequently, by learning a foreign language, one is not just developing the language ability, but also, transforming himself due to the contact with the new cultural environment. With this article, a bibliographic study has then being realized on these matters and the proposed reflection expects a better comprehension of the post-modern human being. It is also expected to contribute with the development of a critical and transformed vision of the world, as well as with the improvement of the work done in classroom, and consequently of the teaching-learning language process.

KEYWORDS: Culture. Identity. Interculturality

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade discutir questões referentes à cultura e identidade, no período atual de mundialização, visando o despertar do professor de língua estrangeira para a importância de se conhecer, para poder entender e compreender o “outro”.

Para Kramsch, Byram e Agar (1997) a língua e a cultura são indissociáveis. Assim, os autores não focalizam a aprendizagem somente no desenvolvimento da competência comunicativa, mas consideram de grande importância o debate intercultural, objetivando-se evitar a criação de estereótipos e de preconceitos. (apud BYRAM, GRIBKOVA e STARKEY, 1997, p. 05)

Neste sentido, acredita-se que o professor deva oferecer a seus alunos oportunidades para que desenvolvam habilidades de reflexão e análise de sua própria cultura concomitantemente à apresentação da cultura da língua alvo. Desta forma, ao se fundamentar o aprendizado de uma língua na civilização e cultura de um povo, o professor poderá motivar os aprendizes de forma efetiva, além de ampliar o conhecimento de mundo e o despertar para as diferenças existentes entre os diversos povos, favorecendo a

compreensão e a conseqüente aceitação das diferenças.

O objetivo geral proposto para este trabalho, desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, será o de analisar a importância da cultura e da identidade em sala de aula de língua estrangeira e, para tanto, será apresentado o histórico dos Estudos Culturais, realizada a exploração dos conceitos de cultura e estabelecida uma reflexão sobre a identidade do sujeito.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### HISTÓRICO DOS ESTUDOS CULTURAIS

Os Estudos Culturais surgem de forma organizada em 1964, na Inglaterra, com a fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies, por Richard Hoggart, na Universidade de Birmingham.

Três autores são considerados fundadores deste novo campo de estudo:

- a - Richard Hoggart (1957) apresenta em seu livro *The uses of Literacy*, elementos da cultura popular e dos meios da comunicação em massa. Até esta época, a cultura é vista como pertencente à classe privilegiada. O autor, ao tratar da vida cultural da classe

trabalhadora, percebe nela “não apenas submissão mas também resistência”. (ESCOSTEGUY, 2001, p.2)

- b - É de grande importância para o desenvolvimento dos Estudos Culturais a contribuição de Raymond Williams, pois ele demonstra que a cultura estabelece uma relação entre a análise literária e a investigação social. Em sua obra denominada *The long revolution*, discute questões referentes ao impacto cultural dos meios de comunicação de massa, “mostrando certo pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios meios de comunicação” (ESCOSTEGUY, 2001, p.3).
- c - Thompson, em sua obra *The making of the English Working-class* (1963) discute questões referentes à cultura popular britânica.

Apesar de não ser citado como fundador desta nova linha de pensamento, Stuart Hall é considerado como sendo de importância fundamental para o seu desenvolvimento, pois

(...) incentivou o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando o seu papel central na direção da sociedade; exerceu uma função de aglutinador em momentos de intensa distensões teóricas e, sobretudo, destravou debates teórico- políticos, tornando-se um catalizador de inúmeros projetos coletivos. (ESCOSTEGUY, 2001, p.03)

Deve-se ressaltar que os autores mencionados têm como preocupação comum as

relações existentes entre cultura, história e sociedade. Escosteguy afirma que

o que os une é uma abordagem que insiste em afirmar que através da análise de uma sociedade (...) é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de idéias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem textos e as práticas culturais daquela sociedade (ESCOSTEGUY, 2001, p.04)

Segundo Agger, (apud SCOSTEGUY, 2001) os autores acima ampliam o conceito de cultura ao afirmar que ela não é homogênea e nem simplesmente sabedoria mas é constituída por um grande número de intervenções ativas.

A partir dos anos 60, “os Estudos Culturais construíram uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/ baixa, superior / inferior, entre outras”. (ESCOSTEGUY, 2001, p.5)

Afirma ainda Escosteguy que os Estudos Culturais britânicos devem ser vistos “tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos”. (p.5) No que se refere ao campo político, diz respeito aos vários movimentos sociais que surgem na época, e do ponto de vista teórico, demonstra a “insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo (...) a inter/trans ou ainda (...) a antidisciplinaridade”. (ESCOSTEGUY, 2001, p.6)

Os Estudos Culturais britânicos surgem em meio a atribuições entre demandas teóricas e políticas, fundamentadas, sobretudo no marxismo, em conjunto com alguns movimentos sociais que ocorrem na Inglaterra, tais como, a Campanha para o Desarmamento Nuclear e o Movimento de educação de adultos em sala de aula. (ESCOSTEGUY, 2001, p.6)

Somente a partir dos anos 70 os Working Papers do Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham passam a ser publicados periodicamente e, com isso, seus estudos começam a ter repercussão. Assim, através da análise desses estudos, pode-se identificar, de acordo com a época, a predominância de diferentes temáticas abordadas pelo Centro.

A resistência de subculturas à estrutura dominante foi a temática principal do início da década de 70. Posteriormente, os meios de comunicação de massa são entendidos como instrumentos ideológicos, sendo notada sua progressiva influência na sociedade, tornando-se o foco central de estudos do Centro da Universidade de Birmingham.

Também nos anos 70, diante do contexto sócio-histórico, com o advento do feminismo, marcado por ideais de resistência, é realizado um trabalho cujo objetivo é verificar a maneira como a “categoria gênero estrutura e é ela própria estruturada nas formações sociais”. Primeiramente, procura-se analisar a imagem das mulheres nos meios massivos e, posteriormente, no trabalho doméstico.

Logo em seguida, questões relativas à raça e etnia também são objeto de interesse dos pesquisadores do Centro britânico.

Nos anos 80, devido ao processo de globalização, o Centro da Universidade inglesa deixa de ser centralizador das propostas dos Estudos Culturais e, logo, seu projeto, se propaga para além de suas fronteiras. As temáticas principais deste período tratam da formação de novas identidades sociais, bem como da delimitação das modalidades de análise dos meios de comunicação social:

Se existiu uma virada no início da década dos anos 80, constituiu em prestar uma atenção crescente à recepção dos meios de comunicação social(...) num primeiro momento, desembocou em estudos do âmbito ideológico e do formato da mensagem, sobretudo da televisiva. Ainda o poder do texto sobre o leitor- espectador domina essa etapa de análise dos meios, embora desafie a noção de textos mediáticos enquanto portadores “transparentes” de significados, rompendo, também, com a concepção passiva de audiência. (MATTELART e NEVEU, apud ESCOSTEGUY, 2001, p.06)

Na década de 90, temas como raça e etnia, utilização de novas tecnologias e produtos na formação de identidades e relações de poder permanecem em pauta, no centro de estudos ingleses.

#### CONCEPÇÕES DE CULTURA

A palavra Cultura é considerada uma das mais complexas da língua inglesa, de acordo com Terri Eagleton (1997). Ela deriva de trabalho e agricultura, colheita e cultivo, e significa uma atividade. No início, ela consiste em um processo puramente material;

aos poucos seu significado vai evoluindo para tornar-se intelectual. Assim, durante muitos anos, os habitantes das cidades são considerados cultos e os da zona rural menos capazes de adquirir cultura.

Afirma Eagleton que “a raiz latina da palavra cultura é colere, o que pode significar qualquer coisa, desde cultivar e habitar a adorar e proteger. (...) Colere também desemboca, via o latim cultus, no termo religioso culto, assim como a própria ideia de Cultura vem na Idade Moderna a colocar-se no lugar de um sentido desvanecente de divindade e transcendência”. (EAGLETON, 1997, p.10) Podemos perceber que algumas verdades culturais são revestidas de um significado sagrado, sendo motivo de proteção e de adoração.

Os conceitos de cultura e natureza estão interligados, pois a cultura implica a existência de uma natureza ou matéria-prima, que precisa ser elaborada significativamente pelo homem. Diz o autor citado que “a natureza produz cultura que transforma a natureza. (...) O cultural é aquilo que podemos mudar, mas a matéria a ser alterada tem sua própria existência autônoma”. (EAGLETON, 1997, p.12)

Há também outra explicação para cultura, pois ela pode significar tanto o que temos de refinado e espiritual quanto aquilo que temos de matéria-prima que constitui esse refinamento. Eagleton enfatiza que “se somos seres culturais, também somos parte da natureza que trabalhamos. Com efeito, faz parte do que caracteriza a palavra natureza o lembrar-nos da continuidade entre nós mesmos e nosso ambiente, assim como

a palavra cultura serve para realçar a diferença”. (EAGLETON, 1997, p.15)

A cultura propicia ao ser humano a sensação de fazer parte de um grupo, com o qual, de alguma forma, ele se identifica. A cultura pode ser tanto adquirida através de seus antepassados, como também, pelo sujeito, modificada. Desta forma, cada geração atribui novos valores à obra cultural de uma comunidade, renovando-a. (LARAIA, 1986, p.26).

Segundo Hall, pode-se pensar o termo cultura a partir de dois paradigmas, o culturalista e o estruturalista. A vertente culturalista conceitua cultura como algo que se une aos hábitos da sociedade, através dos quais se constrói a história. O pensamento estruturalista define cultura

ao mesmo tempo como os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses entendimentos são expressos e nos quais estão incorporados. (HALL, 2002, p.140)

Hall acredita que o conceito de cultura permanece indeterminado, devido a sua complexidade. O autor afirma que embora os paradigmas culturalista e estruturalista não sejam suficientes como objeto dos Estudos Culturais, eles abordam o que deve ser seu foco central.

Também Lévi-Strauss reflete sobre o termo cultura conceituando-a como “as categorias e quadros de referência linguísticos

e de pensamento através dos quais as diferentes sociedades classificam suas condições de existência”, (HALL, 2002, p.146) considerando a linguagem seu principal meio.

No mesmo sentido completa Clemente (1994, p.31) “[...] o diálogo entre os povos se dá por intermédio das línguas e dos encontros das culturas”. Assim, o uso de uma língua é reflexo dos valores culturais da sociedade na qual ela está inserida. Portanto, pode-se concluir não ser a competência linguística o bastante para assegurar a plena comunicação, quando não consideradas as relações interculturais.

Em sua obra *Context and Culture in Language Teaching*, Kramsch (1993) reflete a respeito da necessidade de se aplicar em sala de aula de língua estrangeira uma abordagem intercultural:

A língua é definida por uma cultura. Não podemos ser fluentes na língua se também não compreendermos a cultura que a tem formado e informado. Não podemos apreender uma segunda língua se não tivermos consciência daquela cultura, e como aquela cultura se relaciona com nossa primeira língua/primeira cultura. Não é somente, portanto, essencial ter uma consciência cultural, mas também uma consciência intercultural.<sup>1</sup> (KRAMSCH, 1993, p.34, tradução livre do autor).

<sup>1</sup>“Language itself is defined by a culture. We cannot be competent in the language if we do not also understand the culture that has shaped and informed it. We cannot learn a second language if we do not have an awareness of that culture, and how that culture relates to our own first language/first culture. It is not only therefore essential to have cultural awareness, but also intercultural awareness.”

## CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE

Nos últimos anos, em variadas áreas disciplinares, o conceito de identidade foi submetido a análises, efetuando-se uma completa desconstrução das perspectivas, sendo criticada a ideia de uma identidade integral, originária e unificada. Seguindo os ensinamentos de Hall “a identidade é um desses conceitos que operam ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada de forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (HALL, 2000, p.104).

Prossegue o autor, acrescentando que as identidades estariam em contato com seu passado histórico, e com a utilização destes recursos históricos, como linguagem e cultura, para a formação do sujeito e sua representação, tanto para si, como para a sociedade.

No entanto, as identidades são construídas por meio da relação com o “diferente”, ou seja, somente a partir da relação com o Outro é que ela pode ser construída:

Pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre dois pólos resultantes - homem-mulher etc. Aquilo que é peculiar ao segundo termo é assim reduzido - em oposição à essencialidade do primeiro - à função de um acidente. (LACLAU apud HALL, 2000, p.110)

Stuart Hall, em sua obra denominada *A identidade cultural na pós-modernidade* (2002) discute as três concepções de sujeito que, segundo seu ponto de vista, dominaram o pensamento ocidental.

a) Sujeito do iluminismo: baseado numa concepção de pessoa como sendo um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão, de consciência, e usualmente descrito como masculino.

b) Sujeito sociológico: formado na relação com as outras pessoas e cuja identidade seria formada pela relação interativa entre o “eu” e a sociedade. Assim, o sujeito está intimamente ligado à estrutura social em que está inserido.

c) Sujeito pós-moderno: sujeito fragmentado, formado por várias identidades em diferentes momentos, identidades estas que não são, muitas vezes, coerentes entre si.

Segundo este autor, as mudanças que ocorreram no homem do século XXI são devidas ao processo de globalização e aos processos de migração (forçada ou livre) que se tornaram um fenômeno global neste mesmo período.

Também Bauman (2005) desenvolve reflexões a respeito do processo de globalização que causou um grande impacto sobre a identidade cultural do sujeito da pós-modernidade. Afirma este autor que as sociedades atuais são sociedades de mudança constante, rápida e transitória. Elas são atravessadas por divisões e antagonismos sociais que produzem diferentes posições de sujeito. Assim, o sujeito está sempre articulando e criando novas identidades. A identidade do sujeito

está em crise; foi tão fortemente influenciada pela globalização que se tornou um quebra-cabeças incompleto, no qual faltam muitas peças.

Enfatiza também o mesmo autor que no panorama das relações liquefeitas em que vivemos, a identidade é fluída e não é construída com relação a fins (eu quero ser) ou a meios (eu posso ser); ela é construída com relação à incerteza de qual identidade escolher e por quanto tempo se apegar a ela.

Também Michel Agier (2001) reflete sobre os efeitos da globalização e caracteriza os meios urbanos como fatores de reforço dos processos identitários, pois nas cidades há maior possibilidade de relacionamentos entre identidades, as quais podem sofrer mudanças no que se referem aos hábitos da vida social, valores morais, linguagem, enfim, costumes que orientam a vida social e familiar, transformando desta forma, sua cultura. Acrescenta neste sentido o autor que “toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva (mesmo se para um coletivo é mais fácil admiti-lo), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato”. (AGIER, 2001, p.10)

Em “Quem precisa de identidade?” Stuart Hall complementa acreditando serem as identidades fragmentadas, multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas ou posições que podem ser até mesmo antagônicas entre si, e estão sujeitas a uma “historicização radical”, estando assim, em constante processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p.108)

Lévi-Strauss, no entanto, ressalta a única identidade que considera como verdadeira: a identidade do humano. Considera o autor que “esse mínimo de identidade permite o diálogo entre todos os seres humanos e torna compreensível uma intertextualidade mínima entre todas as culturas”. (apud AGIER, 2001, p.27)

No mesmo sentido, Ianni (2000) aborda os efeitos da globalização na sociedade pós-moderna, sugerindo que “formou-se a comunidade mundial, concretizada com as realizações e as possibilidades de comunicação, informação e fabulação abertas pela eletrônica”. (IANNI, 2000, p.10) O autor enfatiza a importância dos sistemas de informação, os quais transpassam as fronteiras dos países e continentes, em curto espaço de tempo, fazendo de nosso planeta uma só comunidade global e acrescenta que “em todos os lugares, tudo cada vez mais se parece com tudo o mais, à medida que a estrutura de preferências do mundo é pressionada para um ponto comum homogeneizado”. (IANNI, 2000, p.12)

Liaw (2006) acrescenta que, para poder assimilar a cultura de outrem, é imprescindível conhecer sua própria cultura:

Os alunos devem, primeiramente, se familiarizarem com sua própria cultura através da exploração da mesma (por meio da discussão de valores, expectativas, tradições, costumes e rituais dos quais eles inconscientemente participam) antes de refletirem sobre os valores, expectativas e tradições de outras culturas com um maior grau de

objetividade intelectual<sup>2</sup> (LIAW, 2006, p.155, tradução livre do autor).

Ao desenvolver uma abordagem intercultural, o professor deverá ater-se em não estimular a supervalorização da cultura da língua alvo em detrimento da língua materna, evitando formar a ideia de cultura certa/errada, mas sim, cultivando a ideia das diferenças culturais.

Neste sentido Walesko (2006) adverte sobre o risco de as aulas de língua estrangeira somente analisarem questões socioculturais relacionadas à língua-alvo (hábitos, gastronomia, linguagem, tradições, vestuário etc) como “modelos” a serem seguidos, sem levar em consideração as diferenças e semelhanças com a cultura materna. Acrescenta que este fato poderia favorecer a criação de estereótipos culturais com relação à cultura materna e com relação à cultura estrangeira.

Assim, ao se aprender uma língua estrangeira, não se está somente desenvolvendo a competência comunicativa, mas também, transformando-se a si próprio, no contato com novo contexto cultural.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em sala de aula deve sempre ser respaldado por reflexões e discussões a respeito dos elementos que orientam e norteiam a prática docente.

<sup>2</sup> “Learners must first become familiar with what it means to be part of their own culture and by exploring their own culture (by discussing the values, expectations, traditions, customs, and rituals they unconsciously take part in) before they are ready to reflect upon the values, expectations and traditions of others with a higher degree of intellectual objectivity.”



Sendo uma língua o reflexo dos valores culturais da sociedade na qual ela está inserida, a competência linguística não pode ser considerada o suficiente para garantir a plena comunicação, devendo-se considerar a abordagem intercultural.

As fronteiras físicas entre os diversos países foram derrubadas pelas redes de comunicação, devido à globalização. Assim, surgiu um novo sujeito, contraditório, instável, oscilante, formado por várias identidades, ainda a ser desvelado. As reflexões, análises e propostas desenvolvidas sobre o tema procuram favorecer uma melhor compreensão do homem pós-moderno e contribuir para o desenvolvimento de uma visão crítica e transformadora do mundo. Deste modo, colaborando para o aperfeiçoamento do trabalho em sala de aula e consequentemente do processo de ensino-aprendizagem de línguas.

#### REFERÊNCIAS

- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, Oct. vol.7, n.º.2, 2001.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BYRAM, M; GRIBKOVA, B; STARKEY, H. **Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching**: a practical introduction for teachers. 1997. Disponível em <irc.cornell.edu/director/intercultural.pdf>
- CLEMENTE, E. **Integração: Língua, Cultura e Literatura**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1994.
- EAGLETON, T. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: Silva, T. (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- IANNI, O. **Teorias da Globalização**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.
- KRAMSCH, C. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- LARAIA, R.B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- LIAW, M.-l. E-learning and the Development of Intercultural Competence. **Language Learning and Technology**, v.10, 2006.
- WALESKO, Â. M. H. **A interculturalidade no ensino comunicativo de língua estrangeira**: um estudo em sala de aula com leitura em inglês. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFPR, Curitiba, 2006.

Recebido para publicação em 3 mar. 2016.

Aceito para publicação em 07 jun. 2016.